



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/epistola/>

## Epístola sobre liberdade em tempos de BNCC e Reforma do Ensino Médio

Diego Miranda da Silva[1]

Franklin Kaic Dutra-Pereira[2]

Saimonton Tinôco[3]

**RESUMO:** Por que não escrevermos uma carta? Elas são um meio de expressarmos nossos pensamentos e emoções, de forma mais profunda e pessoal, em tempos de comunicações instantâneas e digitais. Não tão distante, as cartas significavam a conexão mais comum entre as pessoas e isso não era diferente no meio científico. Assim, inspirados em Paulo Freire e pelo texto "#BNCC: carta aberta sobre políticas educacionais e e-narrativas no Twitter", nasceu essa tentativa de escrevermos um ensaio epistolar. Como centro de tal discussão trouxemos a liberdade como princípio fundamental na educação, que deve ser entendido como um processo de libertação das opressões sustentadas em tempos de BNCC e de um Novo Ensino Médio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cartas pedagógicas. BNCC. Novo Ensino Médio. Liberdade. Paulo Freire.

---

## Letter on freedom in era of BNCC and High School Reform

**ABSTRACT:** Why not write a letter? They are a means of expressing our thoughts and emotions, in a deeper and more personal way, in times of instantaneous and digital communication. Not so far away, letters meant the most common connection between people, and this was no different in the scientific world. Thus, inspired by Paulo Freire and by the text "#BNCC: open letter on educational policies and e-narratives on Twitter", this attempt to write an epistolary essay was born. As the center of such discussion, we brought freedom as a fundamental principle in education, which must be understood as a process of liberation from oppressions sustained in times of BNCC and a New High School.



**KEYWORDS:** Pedagogical letters. BNCC. New High School. Freedom. Paulo Freire.

---

Areia/PB, 10 de abril de 2023.

Caras(os) educadoras e educadores do Ateliê de Pesquisas Inventivas,

Escrevemos para vocês uma carta que gostaríamos que também fosse lida por outras(os) docentes de nosso país. Após discutirmos juntos o texto “#BNCC: carta aberta sobre políticas educacionais e e-narrativas no Twitter”, em nossa segunda reunião deste ano, nos sentimos mobilizados a falar sobre um tema que consideramos de fundamental importância, em tempos de modos únicos de vida, ciência e educação: a liberdade. Na beleza da palavra, precisamos anunciar o que é liberdade, em contraponto aos princípios defendidos pela Base Nacional Comum Curricular – a BNCC – e pelo Novo Ensino Médio.

A liberdade é um princípio que transcende as discussões filosóficas e históricas na Educação. Em tempos nos quais o mundo passa por um contexto de tantas inverdades, quando as injustiças se fortalecem, as desigualdades gritam, os preconceitos e as discriminações assombram, precisamos repensar o que faz sentido, sobretudo enquanto civilidade e processo educativo. É inegável que existem muitas outras questões que nos incomodam e que são comuns a quaisquer pessoas preocupadas com os rumos da vida. Mas, nesse momento, nos atrevemos a escrever sobre liberdade, inspirados nas ideias do mestre Paulo Freire, na esperança de problematizarmos alguns princípios defendidos nas atuais reformas educacionais do Brasil, que repercutem diretamente no Ensino de Ciências.

Nosso sonho de liberdade passa pela justiça social, pelo desejo de que cada pessoa possa ser quem é, sem prejulgamentos e impedimentos. Por isso, estranhamos a promoção de uma identidade empreendedora de si, homogeneizadora, e que, por isso, invisibilizadora das diferenças, como deseja forjar a BNCC. Um projeto de vida único, que nega a vocação humana de ser mais, reforçando as injustiças, a exploração, a opressão e a violência cotidiana. Uma atitude de



desumanização, não somente de quem tem sua liberdade roubada, mas também daqueles que a roubam.

Como nos orienta Paulo Freire (1987, p. 30), “se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero.”. Mas, por reconhecermos que a liberdade não é um estado natural das pessoas, mas sim algo que deve ser conquistado e mantido, a educação tem muito a fazer. Que educação estamos vivenciando? Que projetos educativos podem favorecer tal realização?

Nos moldes do Novo Ensino Médio, por exemplo, a liberdade pode ser interpretada como uma forma de promover o protagonismo estudantil, através da flexibilização curricular e do oferecimento de formação técnico-profissionalizante. Tal visão simplificada, que de início pode parecer uma oportunidade de escolha e autonomia, desconsidera problemas sociais e históricos de nosso país e, como consequência, da educação.

Dita como justa e competente, a BNCC e sua semântica não cabem em vidas reais que lutam pela própria existência. Por isso, precisamos problematizar as posturas discursivas de propagandas publicitárias veiculadas em rede nacional, que a todo momento tentam construir um consenso positivo sobre o Novo Ensino Médio. Podemos observar essa tentativa na frase anunciada em uma das propagandas, quando diz: “Com um novo ensino, você tem a liberdade para escolher o que estudar, de acordo com sua vocação. É a liberdade que você queria para decidir o seu futuro.” (BRASIL, 2017).

Conforme sinaliza Paulo Freire, se a liberdade não é um estado natural das coisas, o que essa política curricular almeja mascarar? Em uma matéria publicada recentemente pela Folha de São Paulo, apontou-se muitas disciplinas novas ofertadas em todo o país, com variações regionais, por meio dos itinerários formativos. Enquanto o Piauí oferece somente 7 disciplinas diferentes aos seus estudantes, o Distrito Federal dispõe de 601. Em algumas escolas, por exemplo, são oferecidas aulas como “RPG - Conquistadores do Mundo”, “Torne-se um Milionário” ou “Esportes Radicais”.

Como a implementação dos itinerários é definida por cada rede de ensino, a partir de suas condições locais, as desigualdades técnico-estruturais ditam o que é possível oferecer. Assim, a prometida liberdade de escolha não necessariamente passa pelos desejos de estudantes, já que as



redes de ensino geralmente enfrentam dificuldades, como: estrutura física precária, péssimas condições de trabalho, desvalorização docente e preocupações relacionadas ao redimensionamento de cargas horárias docentes.

Em outro contexto, em alguns aspectos parecidos com este, nosso mestre Paulo Freire acreditava que a liberdade é um processo de libertação da opressão, que deve ser alcançado por meio da educação crítica, dialógica e coletiva. Na contramão desse pensamento, a BNCC e as reformas dela decorrentes, como a do Novo Ensino Médio por exemplo, seguem as tendências neoliberais estrangeiras e internacionais de centralização curricular, testagem em larga escala, responsabilização docente, traduzidas em políticas públicas de controle e meritocracia, com pouco ou nenhum espaço para as conversas.

Percebemos, assim, que a prometida liberdade da atual matriz curricular do Novo Ensino Médio transfere para os sujeitos a responsabilidade por seus futuros, como denunciam colegas docentes da rede estadual da Paraíba (Foto 1). No entanto, é importante entender que, em contextos de problemas sociais e econômicos, as escolhas são limitadas ou inexistentes. Como exercer a autonomia, num cenário como este? Para Paulo Freire (2000, p. 121), “a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade”.

**Foto 1** – Docentes da rede estadual da Paraíba solicitam a revogação do Novo Ensino Médio





**FONTE:** Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Educação do Estado da Paraíba (2023).

Assim, o Novo Ensino Médio, baseado em filosofias educacionais retrógradas e de nuances tecnicistas, retoma políticas neoliberais dos anos de 1970 e 1990. Privilegia uma educação pautada nos princípios do mercado de trabalho, por isso subalterniza algumas áreas do conhecimento – a exemplo das Ciências Biológicas, da Física e da Química, que perderam espaço para componentes curriculares como “empreendedorismo” e “projeto de vida”.

Nasce do velho entendimento do governo de Getúlio Vargas, que destinava o ginásio e o colégio secundários às elites condutoras e o ensino técnico-profissionalizante às massas a serem conduzidas, como já destacara Palma Filho (2010). Não tão distante de hoje, vimos tais ideias reaparecerem, na medida em que o ex-ministro da Educação, Milton Ribeiro, afirmava na TV Brasil que a "universidade deveria, na verdade, ser para poucos, nesse sentido de ser útil à sociedade”.

Como disse Paulo Freire, se a liberdade não é uma característica inata às pessoas, mas algo que deve ser conquistado e mantido, como superar a relação opressor-oprimido quando a ordem de poder é conservada em políticas e processos educativos? Gostaríamos que a escola fosse um lugar de debates, tanto dos clássicos conteúdos científicos quanto de outras questões que tanto nos afligem: o preconceito, o racismo, o feminicídio, a injustiça do Estado, a política, a arte, a cultura e a violência, sobretudo quando docentes são violentados e mortos em seus espaços de trabalho.

Diante dessas situações, precisamos recuperar o fôlego e, junto com ele, o desejo de transformação dos rumos feios, malvados e injustos que assolam nosso dia a dia. Que o estarmos juntos seja a prerrogativa para esse fim inacabado, como fortalecimento de nossas fraquezas. Que a imoralidade ditada por uma sociedade conservadora seja exorcizada junto com seus demônios. Que possamos respirar... diante do luto, mas na luta! (Foto 2).

**Foto 2** – Docentes da rede estadual da Paraíba, em ato democrático, contra o Novo Ensino Médio





**FONTE:** Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Educação do Estado da Paraíba (2023).

Em tempos de *tweets*, *directs*, *WhatsApp*, *e-mails* e de tantas outras formas de comunicação digital contemporânea, queríamos estabelecer esse diálogo por meio de um texto epistolar. Isso possivelmente lhes pareceu estranho, pelo menos de início, mas a nossa escolha foi proposital. Cartas costumam sobreviver ao tempo, não têm limites de espaço e já foram muito utilizadas como possibilidade de comunicação e divulgação científica (quando era difícil vencer as distâncias geográficas). Além desses aspectos, nos permitem uma expressão clara e livre de nossos pensamentos e sentimentos, mantendo-nos numa relação de proximidade com quem nos lê.

Assim, esperamos ter conseguido de alguma forma lhe alcançar, para resistirmos às imposições de determinados modos de vida, de ciência e de educação, que têm se perpetuado e, nos últimos anos, ganhado força através de práticas de autoritarismo e necropolítica.

Com amorosidade e o desejo de não (se) deixar esgotar,

Diego, Kaic e Saimonton.

## Bibliografia

BRASIL. Ministério da Educação. **Com o Novo Ensino Médio, você pode decidir o futuro!** 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bIFgyTLlv4Q>. Acesso em: 24 abr. 2023.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; TINÔCO, Saimonton. #BNCC: carta aberta sobre políticas educacionais e e-narrativas no Twitter. **Revista Espaço do Currículo**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 1–7, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/62654>. Acesso em: 24 abr. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. Escolas estaduais ofertam ao menos 1.526 disciplinas no novo ensino médio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 mar. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/03/escolas-estaduais-ofertam-ao-menos-1526-disciplinas-no-novo-ensino-medio.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.



G1. Ministro da Educação defende que universidade seja para poucos. **Globo Notícia** [online] 10 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/08/10/ministro-da-educacao-defende-que-universidade-seja-para-poucos.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2023.

PALMA FILHO, João Cardoso. A educação brasileira no período de 1930 a 1960: a Era Vargas. **Universidade Estadual Paulista. Caderno de Formação de Professores “Educação, Cultura e Desenvolvimento”**. São Paulo: UNIVESP, v. 1, p. 85-103, 2010.

*Recebido em: 25/04/2023*

*Aceito em: 15/05/2023*

---

[1] Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Membro do Ateliê de Pesquisas Inventivas. E-mail: [diegomirandaufpb@gmail.com](mailto:diegomirandaufpb@gmail.com)

[2] Doutor em Ensino de Ciências e Matemática. Professor da Licenciatura em Química da Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Líder do Ateliê de Pesquisas Inventivas. E-mail: [franklinkaic@gmail.com](mailto:franklinkaic@gmail.com)

[3] Doutor em Educação Especial. Professor das Licenciaturas em Ciências Biológicas e Química da Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Líder do Ateliê de Pesquisas Inventivas. E-mail: [saimonton.tinoco@academico.ufpb.br](mailto:saimonton.tinoco@academico.ufpb.br)